DADO O QUANTO eu gostava de dormir, provavelmente experimentei mais sonhos do que uma pessoa normal. Isso seria útil para mim de alguma forma? Eu não tinha a resposta para isso. Mas, para descobri-la, eu precisaria... voltar a dormir.

Zzzzz.

***

Eu me esqueço quem foi, mas alguém disse uma vez que os sonhos são aventuras que acontecem na escuridão da noite. De fato, apenas durante a noite sou poupada da voz crítica zombando de mim por estar dormindo. A noite é quando meu coração pode realmente andar livre — uma vasta e escura imensidão, mas, de vez em quando, consigo ver um vislumbre de luz. Essas pequenas luzes cintilantes são o que as pessoas chamam de “memórias.” Sem elas, a escuridão tomaria nossos corações, nos imobilizando.

Na escuridão, alguém me chama: *Shima-chaaaan!* Eu me viro, apenas para me deparar com o céu azul claro.

Se você desejar, seus sonhos sempre podem ser brilhantes. Afinal, estão recheados de memórias frescas.

Uma Tarumi muito mais jovem vem correndo até mim — e passa direto. À frente, consigo ver uma versão mais jovem de mim mesma, mas só consigo me lembrar vagamente dela. Naquela época, eu não pensava muito em manter as aparências; não, eu estava mais interessada em tudo o que estava ao meu redor.

Eu era assim naquela época? Eu corro atrás deles, mas não preciso correr. Alguns passos rápidos são o suficiente para alcançar. Então, percebo o quão *pequenos* eles são. Sempre foi frustrante ter braços e pernas tão curtos? Tudo o que eu queria ainda estava ao meu alcance?

Estamos andando por uma rua não muito longe da minha casa. Não há carros, e, ao olhar com mais atenção, os prédios todos estão como são hoje em dia, e não como eram no passado. A única diferença é que o céu acima está completamente azul. Como experimento, estico a mão em direção a ele. Não, está tão intocável como sempre foi.

Taru-chan! Ghshsh!

A "Pequena Eu" está fazendo algum tipo de som estranho… Isso é para ser uma risada?

Shima-chan! Ha ha ha ha ha!

Tarumi começa a gargalhar como se algo fosse hilário. Então, eu lembro de todas as conversas que costumávamos ter, que eram bem parecidas com essa. De alguma forma, nos entendíamos perfeitamente só com as nossas risadas. Pelo menos, foi assim que parecia.

Quando estou acordada, quase não consigo me lembrar de como a Tarumi era quando era criança, então eu só a vejo nos meus sonhos. A pequena Tarumi sempre está com o nariz escorrendo, então ela parece bem engraçada — mas se eu mencionasse isso para a Tarumi de hoje, ela provavelmente negaria que algum dia tenha se parecido assim. Não que eu tenha a visto muito nos últimos tempos… Pensando bem, não ouvi a voz dela desde a última vez que desliguei na cara dela.

Juntas, separadas. Aproximadas e afastadas. Será que nós duas vamos perder o contato novamente? Se isso acontecer, acho que é a vida. Afinal, se eu ficar com ela em segredo e a Adachi descobrir, ela vai se machucar.

Ultimamente, Adachi realmente se estabeleceu no papel de minha namorada. Mas e eu? Eu vou ser capaz de lidar com isso? Tenho dado a ela uma quantidade razoável do que ela quer, então acho que estou bem. Mas de vez em quando, os sentimentos dela por mim parecem intensos de uma maneira assustadora, e eu simplesmente não sei se consigo retribuir. Eu não sou faminta por amor como ela — eu já experimentei isso com outras pessoas de várias formas.

Shima-chan, onde você vai hoje?

“Boa pergunta.”

Hum, eu vou brincar no campo da escola.

“Ah, é… Eu realmente fazia isso bastante.”

Tarumi e eu sempre íamos à escola primária local, ficávamos no campo e jogávamos bola. Naquela época, não havia muito crime, então nos permitiam ficar na escola nos fins de semana, mesmo não sendo alunas lá. E eu *adorava* jogar bola. Francamente, sou sortuda pela Tarumi ter tolerado isso tanto quanto tolerou. Acho que ela realmente se importava comigo... sem querer me gabar, é claro.

Mas eu não poderei ficar com a Taru-chan para sempre.

A Pequena Eu olha por cima do ombro para mim.

Então, Tarumi se vira, o sorriso brilhante desaparecendo, e diz com uma voz monótona: *Sim, eu sei. Quando você encontrar uma nova amiga, vai me descartar.*

Ela é tão fria quanto a água da primavera que uma vez toquei em um ponto turístico qualquer. Sinto como se tivesse sido congelada no meio do verão. Sem qualquer traço de emoção, seu rosto jovem é impecável e robótico.

"*Descartar?* Foi assim que se sentiu?" Sorrindo de maneira evasiva, inclino a cabeça para esse fantasma visitado por minha consciência culpada.

Relacionamentos interpessoais não são uma via de mão única. Talvez eu não deixasse tudo escapar das mãos se não vivessem jogando o peso do mundo sobre mim. Eles realmente acham que sei como equilibrar tudo isso? Eu, a mesma idiota que sempre corria batendo a cara nas paredes?

É triste, mas é a verdade, a Pequena Eu responde sem que ninguém pergunte. *Mas está tudo bem, Taru-chan. Quando somos crianças, podemos ficar juntas para sempre.*

Para sempre?

Sim, para sempre. Porque sempre seremos crianças. Então, a Pequena Eu pega a mão da Tarumi, e Tarumi dá uma risadinha feliz. Que filosófica você, Pequena Eu.

Então, como isso funciona, exatamente? As partes das minhas antigas memórias fazem sentido, mas e aquele comentário anacrônico da Tarumi de agora? De onde veio? Se isso era um sonho, então meu cérebro deve ter escrito o roteiro, mas não consigo encontrá-lo em lugar algum. Então, quem criou esse sonho?

Olho para o céu. Será que tem alguém lá fora, além do véu, espionando minhas memórias?

Mas enquanto olho para cima, minha consciência gradualmente começa a subir à superfície.

***

Assim terminou o, uh, “sonho” que eu tive. Como eu suspeitava, se me imergisse completamente, poderia observar por um pouco mais de tempo. Mas a razão pela qual eu não podia declarar com confiança que meus sonhos eram “ilusões” era por causa da maneira como às vezes eles me mostravam meu passado. Eu me recusava a acreditar que estava alucinando durante todo aquele tempo.

O quarto ainda estava escuro, e eu estava sonolenta, então era incomum eu acordar no meio do sono. Me deitei novamente e tentei voltar a dormir.

Zzzzz.

Sim, funcionou.

***

Eu volto para o que parece ser a mesma rua, como se estivesse despausando um filme que eu estava assistindo no meio.

“Mas se isso é um filme, então duvido que seja um bom.”

De uma perspectiva externa, estou apenas caminhando pela rua, desinteressada em qualquer pessoa que passe por mim. Só posso imaginar como isso deve parecer entediante. A Pequena Tarumi e a Pequena Eu não estão em lugar nenhum; devem ter desaparecido no fundo, de mãos dadas, como boas amigas.

Minhas memórias mantêm com segurança todas as coisas que não existem mais na realidade.

Já percebi há algum tempo que minha amizade com a Tarumi simplesmente não vai dar certo. Depois de tudo o que foi necessário para nos reaproximarmos — para restaurar nosso vínculo — agora está tudo desmoronando novamente. Até uma idiota cega como eu consegue ver isso. Se eu quiser manter essa amizade, preciso agir rápido. Mas há uma força invisível me segurando.

Adachi. Adachi é o problema. Adachi destruiu sozinha um dos meus relacionamentos pessoais. Quando penso nisso de maneira lógica, é insano. Ela simplesmente arromba a porta, pisa nos meus sentimentos e na minha vida, e tenta fazer com que eu jogue segundo as suas regras. Ela não é justa com ninguém, muito menos comigo, e é esse viés que a preenche com uma paixão ardente e a impulsiona. Para mim, essa intensidade crua é invejável, exasperante e encantadora, tudo ao mesmo tempo. Sei que é contraditório, mas é a mais pura verdade.

Essas coisas que chamamos de "emoções" raramente são consistentes. Elas deveriam ser complicadas e misteriosas, e tudo mais. Mas Adachi não é contraditória nem um pouco. Ela se importa com uma coisa e uma coisa só; suas emoções são cruas e sem filtro. Talvez isso, se é que algo me atraiu nela, tenha sido o que me aproximou dela.

Uma sombra branca passa correndo aos meus pés, como se o vento em si tivesse ganhado forma. Enquanto a observo, sua cauda abanando parece tocar meus olhos. É o Gon, totalmente crescido, mas com toda a energia dos dias de filhote — o melhor dos dois mundos. A distância entre nós aumenta à medida que ele se afasta.

"Heh heh heh. Você está bem animado hoje."

Ele está grande, forte e saudável. Sonhos são realmente ótimos, não são? Me pego dividida entre a vontade de correr atrás dele e a vontade de chorar até não aguentar mais; depois de um tempo de indecisão, decido fazer os dois ao mesmo tempo. Não tem ninguém aqui para ver isso. Este lugar me pertence, e tenho o direito de chorar em privado. Especialmente porque provavelmente vou esquecer que isso aconteceu assim que acordar.

Então, corro o mais rápido que posso. Meu corpo se sente leve, como se eu tivesse deixado meus pulmões para trás, mas como não preciso respirar, é difícil dizer se estou realmente avançando. Não importa o quanto eu corra, nunca parece que estou indo para frente. A distância entre eu e Gon nunca diminui. Seria de se esperar que a estrada chegasse ao fim... mas ela sempre continua.

Mas tudo bem. Não me importo se nunca conseguir alcançar.

A paisagem gira ao meu redor em um vórtice e começa a desaparecer. Junto com Gon, o horizonte da cidade se queima em formas pálidas e pontiagudas. Até o chão sob meus pés começa a se enrolar sobre si mesmo, como uma folha de papel de caderno sendo lentamente amassada em uma bola. Eu não posso mais correr atrás do Gon. Ele está desaparecendo, e eu também estou.

Mas eu não quero que nenhum de nós desapareça. Eu não quero ir a lugar nenhum.

***

Na próxima vez que acordei, consegui ver a luz cinza suave do amanhecer entrando pelas frestas da cortina. Logo, um novo dia começaria. Eu sempre poderia me vestir, sair para uma corrida e esperar o resto da minha família acordar, mas... *meeeh*. Me virei na cama. Meus olhos e bochechas estavam quentes e úmidos — provavelmente encharcados pelas lágrimas de um bom bocejo.

Acho que provavelmente não vai dar certo dessa vez...

Fiquei meio fora de mim por um tempo. Então, minhas pálpebras lentamente se fecharam.

Zzzzz.

Acontece que eu subestimei a mim mesma.

***

Dessa vez, ninguém estava me esperando quando cheguei.

"Acho que estou sozinha."

Resumo da minha existência.

É ridículo o quanto eu consigo dormir, penso comigo mesma, suspirando enquanto olho para cima. Se eu dormir treze horas por dia, isso faz do sono o meu estado padrão? Isso significaria que meus sonhos *são* minha realidade... e, por consequência, eu estaria livre de todas as piores partes do mundo desperto, o que seria ótimo. Só que tem um problema: no mundo dos sonhos, eu não consigo dormir. Perderia meu passatempo favorito.

Mas chega de falar sobre isso.

De repente, me vejo envolta por uma escuridão tão densa que nem a luz da aurora consegue penetrá-la. Não consigo ver minhas próprias mãos balançando na minha frente. Nem tenho certeza se ainda tenho corpo. Viro a cabeça e olho ao redor, mas não vejo nenhuma fonte de luz. Esse é um sonho sem lembranças.

Então começo a caminhar sem rumo. Meus passos soam tão distantes que é difícil dizer se estou realmente pisando em algo sólido. Parece que meus pés estão afundando, ou pelo menos, a paisagem parece estar se movendo para cima e para baixo... Será que estou me movendo para frente?

Se eu tivesse que adivinhar, diria que provavelmente é assim que são os sonhos da Adachi, já que ela não parece ter muitas lembranças felizes. Ou talvez os sonhos dela sejam apenas uma apresentação de slides de imagens estáticas de mim... Honestamente, a ideia me dá um calafrio, mas ela provavelmente adoraria. Esse é o tipo de mundo em que ela quer estar.

Para a Adachi, eu sou a única pessoa que ela precisa na vida dela — só eu e ela, para sempre. Mas se ela me pedisse para ir até os confins do mundo com ela, eu diria não. Se ela exigisse que criássemos um mundo só nosso, eu recusaria. Quer dizer, nesse ponto, eu poderia muito bem estar sozinha, né? Assim eu ficaria livre de qualquer tipo de problema.

Eu só passaria minha vida com a Adachi se fosse em um mundo cheio de pessoas. Se fosse só nós duas, nossa vida seria tão sombria quanto este sonho.

Mas, embora seja um contraste gritante com outros sonhos, ainda é uma parte do meu coração. É como o frio que segue uma rajada de ar quente. Sempre que estou me divertindo, posso senti-lo esperando bem ali na esquina; sempre que as coisas estão indo bem, começo a ficar obcecada com o momento em que tudo vai desmoronar. A escuridão produzida por esse estado mental mantém minhas lembranças afastadas.

O tempo dilui essas antigas memórias como água. Isso por si só é inevitável. Se você quiser mantê-las, tem que mantê-las frescas — mas se as condensar demais, elas perderão o que as tornava especiais em primeiro lugar.

Será que minhas memórias ainda são puras? Deus sabe o quão turvas elas se tornaram.

Então vejo uma luz redonda e pálida flutuando distraidamente no meio do nada. Curiosa, me aproximo. É um tufo familiar de cabelo azul.

“Quanto tempo até o café da manhã…?”

“Isso é tudo com o que você se importa?”

“Oh! Bom dia, Shimamura-san!” Yashiro se vira para me encarar. Que raio de sotaque australiano é esse? “Shima-moo-ra, Shima-moo-ra…”

“Eu não sou uma vaca. De qualquer forma, como você entrou aqui?” Este é o *meu* sonho, e não, não vou fazer café da manhã para você.

“Foi fácil.” Ela bate as mãos para cima e para baixo. Graças ao seu cabelo levemente brilhante, consigo ver sua expressão e tudo mais. “Você ainda está com sono?”

Então ela está plenamente consciente de que isso é um sonho. Que doida. “É, só um pouco.”

"Neste caso, eu irei acompanhá-la."

Ela se aproxima de mim, projetando sua luz fraca sobre mim, e parece que ganhei uma lanterna na minha jornada. Agora quase consigo ver os meus pés e até ouvir meus passos.

"Hmmm..." Por algum motivo, tudo isso parece um pouco... nítido? Para um sonho, não está nada borrado.

"Você lembra daquela viagem que fizemos da última vez?" Yashiro sorri enquanto caminhamos.

"Hã?"

"Você lembra? Quando eu deixei você andar na minha cabeça?"

"Uhhh... Ah! Agora lembro." Aquela vez em que estávamos voando pelo espaço. "Como você sabe sobre isso?"

"Porque eu estava lá, claro."

Grrrr. Isso soou meio profundo, mas eu sei muito bem que não é a intenção dela.

A luz suave de Yashiro nos conduz até uma figura nebulosa. Um olhar para as roupas dela e a expressão de desdém e a reconheço instantaneamente.

“Ugh.” É a versão de mim mesma do ensino fundamental — especificamente, os primeiros dias antes de eu me acalmar. “Não quero ver essa parte.”

Mas não posso fechar os olhos para isso. Yashiro está indo direto até ela, e se eu perder de vista a Yashiro, vou ser jogada de volta na escuridão impenetrável.

“Ah, então essa é a Shimamura-san jovem.”

“É uma forma de dizer, eu acho.”

Francamente, *nós duas* somos “jovens.” Não parecemos tão diferentes. Mas a expressão dela está tensa, sugerindo que ela está insatisfeita com algo. Ela está usando uma camiseta de basquete e nos encara com um olhar irritado. Nossa, vai com calma. Não é à toa que seus amigos te odeiam.

“Ela parece estar brava.”

“Sim... me pergunto com o que eu estava tão irritada.”

Eu estava travando uma batalha solitária, mas contra o quê? Tento me lembrar, mas tudo se mistura. Na maior parte do tempo, eu estava insatisfeita com todas as coisas que não estavam indo do meu jeito, então eu me esforçava para lutar contra isso e tentar superar. Amizades, esportes, deveres escolares, pais... Esses foram obstáculos pelos quais eu simplesmente passei por cima.

Então, a Pré-Adolescente Eu me passa a bola de basquete. Isso me pega de surpresa e, como mal consigo enxergar, acabo deixando a bola cair. O passe foi tão rápido e forte que me dá vontade de retrucar. Provavelmente era assim que meus antigos colegas de time se sentiam sempre que eu passava a bola do nada. Esse pensamento me rouba qualquer vontade de criticar minha versão mais jovem e imprudente.

O ensino fundamental foi horrível, e a Pré-Adolescente Eu fez o melhor que pôde.

"Ótimo, obrigada por desenterrar tudo isso de novo."

Esse período da minha vida foi um prato cheio para humilhações. Criou em mim um sentimento de autoconsciência intensa que foi se acumulando, engrossando, endurecendo, secando, até que, eventualmente, eu me transformei... *nisso*. Quando passo por ela, meio que espero que cuspa em mim, mas, em vez disso, ela me deixa ir. Ainda assim, tenho certeza de que está decepcionada com a pessoa que me tornei.

"Argh, alguém me mata."

"Por quê?"

"Por outro lado, se eu não tivesse me esgotado naquela época, não teria amolecido depois."

E assim nasceu o Críptido do Planeta Preguiça. Espera, eu sou um críptido ou um alienígena? Tanto faz. O que importa é que a Pré-Adolescente Eu estava apenas tentando fazer a coisa certa.

A vida é sempre uma batalha — no meu caso, uma luta eterna contra minha maior inimiga: a preguiça. Sei que não posso fugir dela para sempre, ou um dia isso vai me assombrar. Então, sim, minha versão pré-adolescente, insuportável e vergonhosa, ainda tem a vantagem moral. Enfrentar seus problemas exige coragem, mas a melhor parte dos sonhos é que, por mais que você chore, reclame, sofra e se humilhe, ninguém mais vai ver. Você pode ser seu verdadeiro eu, sem filtros.

“Você tem muito tempo livre, não tem, Shimamura-san?”

Er… tirando isso.

“Olha, aqui é tranquilo, tá? O que foi, você não gosta de sonhos?”

“As coisas doces aqui não têm gosto de nada. O que tem pra gostar?” ela resmunga.

“É… acho que sonhos *são* meio sem graça.” Mas, se eu tivesse que apostar, diria que ela não está tentando dizer nada profundo com isso.

Memórias nunca podem ser realmente doces. Elas perfuram fundo o coração. Claro, não posso negar que há muitos masoquistas que encontram alegria nessa dor. Mas isso não é a mesma coisa que felicidade de verdade.

Ao perceber isso, minhas mãos se fecham em punhos, e eu encaro o que está do outro lado da escuridão. Aos poucos, até *isso* começa a desaparecer. A escuridão está se dissipando.

"Parece que é hora de acordar."

O amanhecer está chegando, e o irritante mundo de luz começa a se revelar.

"É o que parece."

Yashiro dispara em direção ao teto, e eu me afasto instintivamente. Ei! Você não pode simplesmente sair voando sem motivo!

"Eu te aguardarei do outro lado. Não se esqueça das rosquinhas... rosquinhas... rosquinhas..."

Por alguma razão, sua voz ecoa. Parece uma despedida eterna, mas tenho a forte sensação de que, quando eu acordar, ela estará na minha casa como se tivesse se mudado para lá. Meh, não me importo.

"Afinal, de vez em quando, ela me ajuda."

Se eu me lembrar disso quando acordar, vou comprar uma rosquinha para ela. Mas ela provavelmente vai reclamar se eu não levar mais de uma.

Então, desperto do meu sonho e esqueço completamente minha linha de pensamento. Tudo o que estava na camada do subconsciente é apagado — pelo menos, do meu mundo.

"O para sempre" só dura enquanto eu durar. A eternidade é finita.

Eu me viro e vejo um cachorro, uma criança e outra mais criança — almas preciosas com as quais um dia desejei compartilhar minha vida. Mas, mesmo na ausência delas, não quero esquecer o que deixaram para trás. Algo floresce no meu peito quando penso nelas... algo um pouco mais bonito do que estou acostumada. Então, só posso rezar, do fundo do coração, para que isso dure pelo resto da minha eternidade.

***

Parecia que alguém estava espremendo meu cérebro. E então, voltei à realidade — de volta à vida.

"Celular..."

O que me acordou foi o som do meu telefone tocando. Lentamente, me sentei na cama. Felizmente, o relógio estava bem ali na parede, então olhei para cima… e percebi que, de alguma forma, tinha voltado no tempo uma hora. Fiquei olhando sem reação por um minuto, até perceber: não, eu não tinha voltado no tempo. Eu tinha dormido por *onze horas*. Que ótimo começo de fim de semana. Mais importante que isso, porém, era o fato de que meu celular ainda estava tocando.

"Sim, sim, já ouvi!"

Eu já sabia que era a Adachi antes mesmo de olhar para a tela. Ela tinha interrompido minhas programadas treze horas de sono e me arrastado, esperneando, de volta para o mundo real. Vagamente, me lembrava de que isso

já tinha acontecido antes, mas, diferente da última vez, agora eu estava animada.

Minha cabeça estava pesada por ter dormido demais, mas, conforme me levantava e dava alguns passos, a névoa ia se dissipando aos poucos. Talvez minha circulação estivesse melhorando. Meus dedos ainda estavam um pouco formigando. Sentia que tinha dormido muito na noite passada, e que tinha tido muitos sonhos… mas tudo estava tão embaralhado que eu não conseguia lembrar o que tinha acontecido neles.

Eh, provavelmente nada importante. Eram só sonhos, afinal. Normalmente, não havia nenhuma vantagem em lembrar deles. Mas, desta vez, eu me sentia estranhamente em paz comigo mesma. Então, se meus sonhos podiam me ajudar a manter a cabeça erguida e encarar a realidade, isso já era o suficiente para mim.

O mundo real estava cheio de inconvenientes que eu teria que enfrentar, um por um. Só de pensar nisso, minha vontade de viver já se esgotava. Mas agora, eu tinha alguém ao meu lado para me ajudar. A partir de agora, eu não estava mais sozinha. E, pelo menos por enquanto, eu estava bem com isso. Aquilo aquecia meu coração.

“…Alô? Adachi? Sim, sim, eu não esqueci do nosso… e-encontro… Aham…”

Para meus próprios ouvidos, minha voz soou levemente animada. Será que ela perceberia? Ela era minha namorada, afinal. Sempre prestava atenção nos detalhes.

Silenciosamente, uma pequena parte de mim rezou para que ela não me provocasse demais.